

## Crise Covid-19 e Trabalho: Um olhar sobre a desigualdade de gênero na ciência

*La Crisis y el Trabajo de Covid-19: Una mirada a la desigualdad de género en la ciencia*

*Covid-19 Crisis and Work: A look at gender inequality in science*

Ivanete Modesto do Amaral

**Resumo:** Este artigo discute a desigualdade de gênero na ciência através de relatos de mulheres cientistas em diferentes áreas de atuação no Brasil, entrevistadas por órgãos de pesquisas, em 2020. As profissionais falaram como estão suas ocupações no mercado de trabalho e os principais obstáculos nesse momento de pandemia da Covid-19. Fundamentando-se na categoria da “divisão sexual do trabalho” e complementando com os dados levantados pelo movimento *Parent in Science*, concluiu-se que, mesmo com suas qualificações e experiências profissionais, as mulheres enfrentam questões decorrentes do predomínio de práticas patriarcais na sociedade brasileira, diante da difícil articulação entre o trabalho profissional e o trabalho doméstico no período de isolamento social.

**Palavras-chave:** Crise Sanitária. Divisão Sexual do Trabalho. Gênero. Trabalho.

**Resumen:** Este artículo discute la desigualdad de género en la ciencia a través de informes de mujeres científicas en diferentes áreas de actividad en Brasil, entrevistadas por organismos de investigación, en 2020. Los profesionales hablaron sobre sus ocupaciones en el mercado laboral y los principales obstáculos en esta área. Momento pandémico de Covid-19. Con base en la categoría de “división sexual del trabajo” y complementando con los datos recolectados por el movimiento *Parent in Science*, se concluyó que, aun con sus calificaciones y experiencias profesionales, las mujeres enfrentan problemas derivados del predominio de prácticas patriarcales en la sociedad brasileña. ante la difícil articulación entre trabajo profesional y trabajo doméstico en el período de aislamiento social.

**Palabras clave:** Crisis sanitaria. División sexual del trabajo. Género. Trabajo.

**Abstract:** This article discusses gender inequality in science through reports by women scientists in different areas of activity in Brazil, interviewed by research bodies, in 2020. The professionals spoke about their occupations in the labor market and the main obstacles at the moment. Covid-19 pandemic. Based on the category of “sexual division of labor” and complementing with the data collected by the Parent in Science movement, it was concluded that, even with their qualifications and professional experiences, women face issues arising from the predominance of patriarchal practices in Brazilian society, in the face of the difficult articulation between professional work and domestic work in the period of social isolation.

**Keywords:** Sanitary Crisis. Sexual Division of Labor. Gender. Work.

**Ivanete Modesto do Amaral** – Doutora em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Ex-professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Faculdade Ideal (FACI). Hoje, pesquisadora independente e colaboradora da Revista Científica “Gênero na Amazônia”, do Grupo de Estudos e Pesquisas da UFPA “Eneida de Moraes”. E-mail: [amaral.ivanete@gmail.com](mailto:amaral.ivanete@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Desde o último trimestre do ano de 2019, o mundo todo vem atravessando uma crise profunda e singular provocada pela pandemia da Covid-19. Sabemos que o período atual de quarentena representa um grande esforço por parte dos indivíduos e suas famílias, onde o isolamento não somente enfraqueceu a regularidade dos laços e das ligações sociais de proximidade física, mas vem gerando processos disruptivos<sup>1</sup> com esse confinamento prolongado. Ou seja, sociologicamente pode-se dizer que essa crise vem modificando relações sociais com impacto no mercado de trabalho e nas estruturas do trabalho, exigindo a necessidade de se pensar saídas para minimizar as desigualdades sociais e o aprofundamento drástico das vulnerabilidades socioeconômicas.

As desigualdades sociais e também raciais do Brasil estão assentadas numa matriz de opressão interseccional colonial, patriarcal e classista. Com mais de 400 mil mortes<sup>2</sup> decorrentes da pandemia da Covid-19, o país enfrenta uma crise sanitária, política e econômica que incide com maior força na população preta, pobre e de mulheres. A formulação e a implementação de políticas públicas de desigualdades, particularmente num contexto pandêmico, exige que se considere os marcadores sociais de diferença de classe, raça e gênero (PEREIRA, 2020).

Fazendo um recorte para a questão de gênero e, particularmente, refletindo sobre o trabalho das mulheres cientistas nesse momento de isolamento social, se ressalta a chamada “dualização do emprego feminino”, ou mais precisamente, na compreensão de Hirata e Kergoat (2003), trata-se de uma das configurações da divisão sexual do trabalho que ilustra o cruzamento das relações sociais. Aqui, neste texto, esse argumento é interpretado no sentido de que o isolamento pela pandemia impôs às mulheres um confronto do trabalho profissional com o trabalho doméstico, incluindo o cuidado com os filhos. Ou seja, no meio acadêmico, os desafios das mulheres cientistas com os trabalhos de casa se intensificaram mais do que nunca, haja vista que o serviço doméstico e a atenção aos filhos ainda são vistos como papéis femininos, apesar de terem os mesmos direitos assegurados pela Constituição Federal.

Este cenário que ainda perdura na sociedade atual, no caso, a separação social do trabalho de homens e mulheres leva a pensar historicamente na diferença de desigualdade no mundo do trabalho. Hoje, com a crise da Covid-19, essa desigualdade tornou-se mais acentuada se lembrarmos do modelo tradicional onde o papel doméstico parece ser assegurado inteiramente pelas mulheres. Nesse sentido, o trabalho de “fazer ciência”, que requer horas de dedicação, silêncio e concentração, é prejudicado no todo ou em parte porque, dentre outras situações, o tempo reservado para esse trabalho se mistura com os serviços domésticos, levando ao fenômeno da baixa produtividade das pesquisadoras, modificando a vida dessas profissionais e suas limitações no espaço científico. São situações observadas quando analisados diferentes aspectos, tais como produção científica e número de citações de artigos científicos, sendo que o homem vem publicando “duas vezes mais que as mulheres” (SANTOS e JORGE, 2019).

O comentário acima leva a refletir que as mulheres pesquisadoras enfrentam mais desafios do que os homens e permite questionar: **a)** Por que a igualdade de gênero na ciência ainda é uma luta?; **b)** Em que medida essa transição que envolve a pandemia reforçou a desigualdade de gênero?;

<sup>1</sup> Termo aqui considerado como de impacto negativo nas relações de trabalho e no mercado de trabalho, como por exemplo, a precarização do trabalho e desigualdade de gênero.

<sup>2</sup> G1 (16/04/2021) – informações baseadas no consórcio de empresas com dados fornecidos pela Secretaria Nacional de Saúde do Brasil.

c). Quais os grandes impactos que as mulheres cientistas estão enfrentando nesse isolamento do trabalho em casa? Essas questões são consideradas base de discussão neste artigo, de acordo com o objetivo que se propôs que é analisar a desigualdade de gênero na ciência.

Os caminhos metodológicos para se chegar à produção deste artigo envolveram pesquisa bibliográfica em livros, textos científicos, textos jornalísticos, estatísticas de produção científica de homens e mulheres e reflexão crítica sobre os relatos de mulheres pesquisadoras. Incluiu, ainda, utilização de vídeos de sociólogos professores e pesquisadores inerentes à crise da Covid-19 e o olhar sociológico sobre ela. Todo esse material selecionado proporcionou a base de reflexão teórica para discutir os relatos das mulheres pesquisadoras, como parte empírica desta pesquisa.

Neste sentido, o artigo envolve, num primeiro momento, comentários teóricos sobre a categoria da divisão sexual do trabalho, utilizando como pano de fundo a desigualdade de gênero e seus rebatimentos para a crise sanitária da Covid-19. A segunda parte, ou segundo momento, corresponde às interpretações dos relatos das mulheres cientistas, capturados nas leituras das fontes citadas e analisados sob uma perspectiva sociológica. Por último, na Conclusão, apresentam-se considerações que finalizam este artigo com principais reflexões que se destacaram no conteúdo deste trabalho.

## 1. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa realizada para a elaboração deste artigo foi de natureza bibliográfica, delimitada pela escolha e leitura de textos inerentes ao tema, cujos autores encontram-se na seção de referências. Considerou-se como método de investigação empírica o relatório quantitativo elaborado pelo movimento *Parent in Science* ([www.parentinscience.com](http://www.parentinscience.com)), acessado de forma online em 27/03/2021. Segundo esse relatório, o grupo de pesquisadores desse movimento realizou um levantamento quantitativo pelo Brasil, durante os meses de abril e maio de 2020, onde foram entrevistados aproximadamente 15 mil cientistas por meio de questionários eletrônicos (pesquisa online).

Após analisarem os dados, os pesquisadores do referido movimento identificaram três questões-chave: gênero, raça e parentalidade, as quais foram apresentadas no seu relatório de forma estatística, ou seja, mostraram os procedimentos quantitativos em forma de gráficos, evidenciando seus aspectos mais importantes e, naturalmente, com oportunidade de outros pesquisadores utilizarem essa fonte como base para analisar a situação apresentada de certo modo, de forma qualitativa. Portanto, o enfoque qualitativo adotado para discutir a questão empírica neste artigo sobre a crise Covid-19 e o trabalho de mulheres cientistas teve como elemento de discussão os referidos dados produzidos pela pesquisa do movimento acima mencionado.

Sabe-se, segundo Richardson (2008), que o aspecto qualitativo de uma investigação pode ser explorado a partir de informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos, evitando, não obstante, a perda do seu caráter qualitativo numa tentativa de assegurar uma boa análise e compreensão dos resultados. Isto significa dizer que os dados utilizados neste trabalho contribuíram de forma relevante para verificar as informações e interpretar a parte qualitativa, ainda que sucintamente apresentada.

## 2. Considerações acerca da Divisão Sexual do Trabalho

Este artigo se propôs analisar de forma breve a desigualdade de gênero na ciência. Como ponto de partida, se fará uma reflexão sobre a divisão sexual do trabalho, tornando-se indispensável dizer, inicialmente, que não é um conceito recente, versa dos anos 70, na França, precisamente, sob o impulso de movimentos feministas. É um termo sociográfico<sup>3</sup> que estuda não somente a diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho e suas profissões, com as variações no tempo e no espaço, mas também estuda como se dá a repartição do trabalho doméstico entre os sexos.

Nos argumentos teórico-metodológicos de Hirata e Kergoat (2003), falar de divisão sexual do trabalho é mostrar primeiro que esse termo vai além da constatação de desigualdades sistemáticas para, em seguida, articular esse entendimento com os processos em que a sociedade utiliza uma diferenciação para hierarquizar as atividades e criar um sistema de gênero. É o caso de se entender a articulação de duas esferas, o trabalho doméstico e o trabalho profissional, abrindo espaço para pensar o conceito “divisão sexual do trabalho” numa análise de relação social recorrente entre o grupo dos homens e o das mulheres.

Esses argumentos interagem com a compreensão de Delphy (2002/1 e 2002/2) a qual se refere a gênero como princípio de divisão, explicado da seguinte forma: “Gênero é o sistema de divisão hierárquica da humanidade em duas metades desiguais” (p.127). Ou seja, é uma afirmação baseada numa abordagem holística e estruturalista, onde existe a separação de um todo em partes e, nesse caso, em dois termos distintos e opostos que não preexistem à sua partição, mas fluem dela. É interessante ressaltar que essa autora faz uma distinção de gênero e sexo partindo de uma tese que inverte a perspectiva naturalista tradicional. Para ela, gênero não é baseado em sexo e não é a divisão do trabalho que induz a hierarquia, mas a hierarquia induz a divisão do trabalho. Portanto, essa divisão do trabalho, em sentido amplo, pode ser chamada de gênero, ou de um sistema, que se refere ao patriarcado, definido como uma estrutura social hierárquica e desigual onde práticas sociais materiais explicam a dominação patriarcal sobre as mulheres, sendo esse tema do patriarcado muito bem explicado por Lerner (2019) em suas pesquisas sobre o trabalho feminino ao longo da história da humanidade.

Em que pesem essas análises sobre o conceito de divisão sexual do trabalho que, de um lado, pensam em termos de constatação de desigualdades entre homens e mulheres (entendendo a noção atual de acúmulo de tarefas) e, de outro, procuram compreender a natureza do sistema que dá origem a essas desigualdades, torna-se importante lembrar que o entendimento aceito no tempo e no espaço sobre a divisão sexual do trabalho, embora não seja imutável, é uma forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos. Segundo Hirata e Kergoat (2003), essa forma é modulada histórica e societalmente e tem como característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social, como por exemplo, político, religioso, militar, etc. sendo que essa definição, segundo as autoras, quase todo mundo está de acordo.

Ainda sob o ponto de vista da Hirata e Kergoat (2003), existe uma distinção precisa entre os princípios da divisão sexual do trabalho e suas modalidades. São princípios chamados organizadores e hierárquicos que ainda hoje se mantêm muito claros, como, por exemplo, quando se fala na separação dos trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, assim como que um trabalho de

<sup>3</sup> Parte da Sociologia descritiva que cuida do material demográfico, estatístico, histórico, folclórico, geográfico, ecológico etc., de grupos sociais. (<https://www.dicio.com.br/sociografia/>).

homem vale mais que um trabalho de mulher, muito embora seja inegável que a condição feminina tenha melhorado, no tempo e no espaço, ao longo dos anos, em várias sociedades.

Mesmo diante do período de fortes turbulências no mundo do trabalho, com precarização e flexibilização do emprego e a despeito do aumento do número de mulheres contabilizadas no mercado de trabalho que, dentre outras profissões e cargos exercidos, estão as “altas funcionárias”, pesquisadoras e profissionais de curso superior, considera-se que permanece constante o caráter sexuado sobre a realidade de trabalho, onde os homens são melhor posicionados, inclusive, com melhores salários do que as mulheres. Nesse sentido, não se pode ignorar a especificidade da situação das mulheres trabalhadoras, sendo oportuno chamar atenção para a realidade do trabalho das mulheres cientistas em razão de pandemia da Covid-19, momento em que se tornam mais evidentes as relações entre os trabalhos produtivos e os trabalhos domésticos e de cuidados, bem como a sobrecarga das mulheres em âmbito geral.

### 3. A Crise Sanitária Versus Trabalho/Emprego

A pandemia da Covid-19 tem levado a globalidade de uma crise sanitária e humanitária e põe à prova a espécie humana nas suas várias dimensões: social, econômica, política, ambiental, entre outras. A rápida propagação da doença e o uso do distanciamento como forma de prevenção expuseram as desigualdades sociais, impactos na saúde pública e choques nunca vistos na economia e no mercado de trabalho. A avaliação preliminar da Organização Internacional do Trabalho (OIT), datada de 07 de abril de 2020, mostra quase 23 milhões de empregos que podem ser perdidos no mundo devido à Covid-19. Segundo a OIT, o mundo do trabalho está sendo profundamente afetado pela pandemia viral global. Além da ameaça à saúde pública, a perturbação econômica e social ameaça os meios de subsistência a longo prazo e o bem-estar de milhões de pessoas.

No caso do Brasil, as estatísticas do Ministério da Saúde (MS), conforme os noticiários, contabilizaram, até 11/05/2021, que o Brasil já tinha atingido mais de 400 mil mortos por Covid-19, caracterizando uma imensa tragédia. As medidas de bloqueio total ou parcial realizadas no país para reduzir a disseminação da doença vêm afetando milhões de trabalhadores. E a pandemia, nesse contexto, traz como uma das consequências o aumento do desemprego e atinge com maior intensidade a população que vive da informalidade e que reside em áreas precárias.

Não restam dúvidas de que este é um momento bastante desafiador e fenomenal que mostra profundas mudanças nas relações entre espaço e tempo, conforme os autores Lima, Buss e Sousa (2020):

A pandemia magnifica as tensões dilacerantes da organização social do nosso tempo: globalizada nas trocas econômicas, mas enfraquecida como projeto político global, interconectada digitalmente, porém impregnada de desinformação, à beira de colapso ambiental, mas predominantemente não sustentável, carente de ideais políticos, mas tão avessa à política e a projetos comuns. A pandemia nos coloca diante do espelho, que nos revela um mundo atravessado por muitas crises e carente de mudanças (LIMA; BUSS e SOUSA, 2020, 24 jul/20).

A frase pronunciada pelos autores acima, de que “a pandemia nos revela um mundo atravessado por muitas crises...”, nos remete a reflexão sobre essa crise sanitária atual no Brasil, que

chegou num momento de grave crise econômica e crise política, potencializando a fragilidade do mercado de trabalho que já estava em processo de deterioração de emprego, diante das mudanças com a reforma trabalhista de 2017. E tudo isso na esteira da flexibilização do trabalho e desregulamentação laboral, que se caracterizam pela multiplicação das formas enfraquecidas de emprego e trabalho, negação de conquistas sociais do trabalho, generalização de contratos temporários, enfim, crises que contribuíram para aumentar o cenário de precarização das relações de trabalho e do mercado de trabalho.

Por afetar de forma desigual a força de trabalho, a pandemia trouxe impactos diversos para diferentes grupos ocupacionais. Se por um lado aumentou o desemprego e ampliou a parcela de trabalhadores excluídos do mercado de trabalho, por outro, forçou trabalhadores em condições mais favoráveis a adaptarem-se ao trabalho remoto como forma de manterem seus empregos. Em julho de 2020, o Home Office (trabalho em casa) já tinha sido adotado por 46% das empresas, conforme a Agência Brasil (2020). Porém, há de se considerar que esse tipo de trabalho pode levar ao aumento da já expressiva desigualdade social, haja vista que trabalhadores mais qualificados e mais escolarizados, sendo a maioria com superior completo, tendem a melhor aderir à transição para o trabalho remoto. E os trabalhadores pertencentes às classes menos favorecidas certamente devem sentir mais dificuldades com a prática do Home Office, sobretudo em relação à familiaridade com as ferramentas de comunicação.

Segundo pesquisa do *LinkedIn* (2020), 62% de 2 mil entrevistados estavam ansiosos e estressados com o Home Office em função do isolamento social provocado pelo novo Coronavírus, ou seja, trabalhar em casa, com essa adoção do Home Office, nas condições da pandemia, não só afeta a saúde mental dos profissionais como também reflete as desigualdades de gênero. Por outro lado, de acordo com um levantamento da Organização Mundial de Saúde (OMS), publicado pela Revista da UFJF, em abril de 2020, 70% dos profissionais que atuam em linha de frente do combate ao novo Coronavírus são mulheres. Essas informações foram complementadas por dados do Conselho Federal de Enfermagem, demonstrando que 84,6% das equipes de enfermagem no Brasil (enfermeiros, auxiliares e técnicos) também são mulheres. As hipóteses sobre essa questão são levantadas no sentido de que as mulheres sofrem impacto maior ao lidarem diretamente com essa pandemia, não só pelas suas atuações nos hospitais, postos de saúde, etc., mas, também, por trabalharem como cuidadoras de idosos e outras situações de cuidados.

#### 4. Sobre a Desigualdade de Gênero na Ciência em Tempos de Pandemia

No contexto da pandemia da Covid-19, apesar de potencialmente alcançar a todos de forma global, sabemos que nem todos são atingidos da mesma maneira. Os estudos indicam uma distribuição desigual entre os grupos que são afetados e focalizam aqueles em maior situação de vulnerabilidade social, tanto por conta da informalidade do trabalho quanto pela difícil condição de moradia e dificuldades de acesso aos serviços de saúde (ESTRELA *et al*, 2020).

No campo das atividades acadêmicas, a pandemia tem gerado muitas tensões e conflitos. Quer seja pelas dificuldades impostas do ensino aprendizagem à distância, onde diversas instituições tiveram que aderir, quer seja pelas dificuldades que pesquisadores, particularmente mulheres com filhos, vêm sentindo com relação ao acúmulo de atividades diárias e a pressão em produzir conhecimento num período de exceção ou anormalidade.

Estudos mostram que o isolamento social na Europa colocou as mulheres arcando com o “peso” dos cuidados familiares e, por conta disso, estão publicando menos do que os homens, causando impacto nos níveis de fadiga, ansiedade e estresse, reforçando a desigualdade de gênero também na ciência e na pesquisa (AGÊNCIA SINC SOCIEDADE, 2020).

“... meu marido tem um trabalho totalmente inflexível e se tranca no escritório das 9 às 6, na maioria das vezes com teleconferências. Tenho o computador na cozinha e três crianças pequenas que me interrompem a cada cinco minutos porque não entendem algo de dever de casa, estão com fome ou querem que eu brinque com elas. É impossível concentrar-se assim para escrever um artigo...”  
“...Estou exausta e desesperada porque estou falhando como cientista e como mãe...” (RONI WHIGHT, pesquisadora, pós-doutoranda do Centro de Regulação Genômica de Barcelona. [www.agenciasinc.es/reportajes/](http://www.agenciasinc.es/reportajes/)).

O relato acima de uma mãe profissional pesquisadora, em Barcelona, mostra que a pandemia vem agravando a desigualdade de gênero na Europa e serve como um exemplo para tantos casos parecidos que ocorrem no Brasil. Dentre eles, destacam-se a fala de mulheres cientistas no Rio Grande do Sul, que enfrentam desafios com a pandemia.

“... podemos dizer que a pandemia intensifica a precarização do trabalho de nós, cientistas mulheres, uma vez que intensifica nosso trabalho nas frentes de cuidado tanto familiares quanto sociais. Além disso, não podemos esquecer que essa precarização do trabalho não é uniforme no meio científico. Ela se distribui de forma desigual a partir de marcadores sociais como raça, gênero, orientação sexual, classe social, maternidade. Por exemplo, encontraremos nas universidades um número ainda pequeno de pesquisadoras negras, de pesquisadoras oriundas de classes menos favorecidas” (Camila., psicóloga, profa. da Universidade Federal de Pelotas/-UFPel-RS. <https://www.psd.org.br/mulher/>).

“...entrei em uma neura de trabalhar de madrugada, trocar o dia pela noite, ter que produzir a qualquer custo. Fiquei com a sensação que se eu trabalhar muito, fico devendo na questão familiar... Noto que, psicologicamente falando, a gente fica bastante abalada” (Eliade, física e pesquisadora da Universidade Federal do Pampa – Unipampa/RS- <https://www.psd.org.br/mulher/>).

Em tempos de crise sanitária, esses dois relatos de mulheres cientistas brasileiras fomentam uma comprovação de como elas são afetadas diretamente e como estão suportando uma carga maior de trabalho. Por vezes, exercem dupla ou tripla jornada quando se juntam a tarefas domésticas. Ou seja, os impactos da pandemia para as mulheres são ampliados pela necessidade do isolamento social, e a tendência é do aumento da desigualdade, sobrecarregando suas atividades. Isto vem gerando problemas de saúde, como ansiedade e estresse.

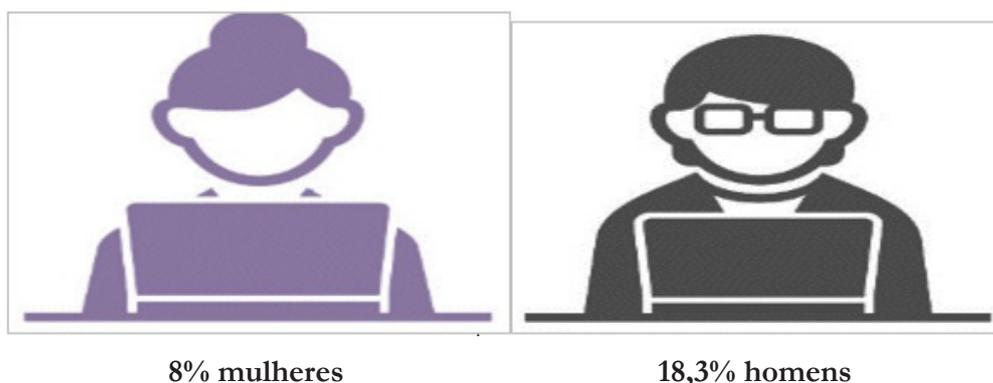
Importante ressaltar que uma das falas acima mencionou a questão racial. Isso leva a refletir que, quando se trata de mulheres em tempos de pandemia, essa conversa não pode estar dissociada da discussão racial. Sabemos que a Covid-19 escancara as desigualdades existentes no Brasil, sobretudo as desigualdades raciais. A difícil situação vivenciada nesse momento coloca em visibilidade limitações históricas da sociedade brasileira como, por exemplo, a dificuldade em garantir condições

básicas para que a população, especialmente a mais vulnerável, possa adotar o isolamento social. Até porque, no momento inicial da crise sanitária, a doença atingiu grupos sociais mais privilegiados e, hoje, atinge de forma desproporcional segmentos mais vulnerabilizados.

Um levantamento realizado em abril e maio de 2020 por pesquisadores do movimento *Parent in Science*<sup>4</sup> apontou que, para as cientistas mulheres e cientistas que são mães, o impacto foi mais pronunciado em como a pandemia afeta seus trabalhos, visto que o tempo dedicado à pesquisa diminuiu. Esse estudo aplicou questionário específico para 15 mil cientistas brasileiros, entre discentes de pós-graduação, pós doutorandas (os) docentes/pesquisadores que atuavam em várias áreas do conhecimento (exatas, biológicas, humanas, agrárias, saúde, letras e artes). Os dados foram analisados considerando questões centrais de gênero, raça e parentalidade, onde os pesquisadores identificaram que, nessa pandemia, nem todos os cientistas sofrem os mesmos impactos.

O amplo e detalhado relatório de dados percentuais divulgado pelo *Parent in Science*, em 2020, mostrou um conjunto de resultados nos quais as mulheres se destacaram em menor quantidade nas suas atividades de praticar a ciência. Mostrou também que cientistas mulheres, principalmente negras ou que são mães, foram as mais afetadas pela pandemia. Aqui, neste artigo, destacam-se alguns resultados desse relatório, considerados importantes para a discussão deste trabalho, conforme a seguir:

- O percentual de mulheres em produção acadêmica reduziu nessa pandemia com relação aos homens. Ou seja, segundo o levantamento, do total de entrevistados, apenas 8% de produção acadêmica correspondeu às mulheres em trabalho remoto; e 18,3%, aos homens.

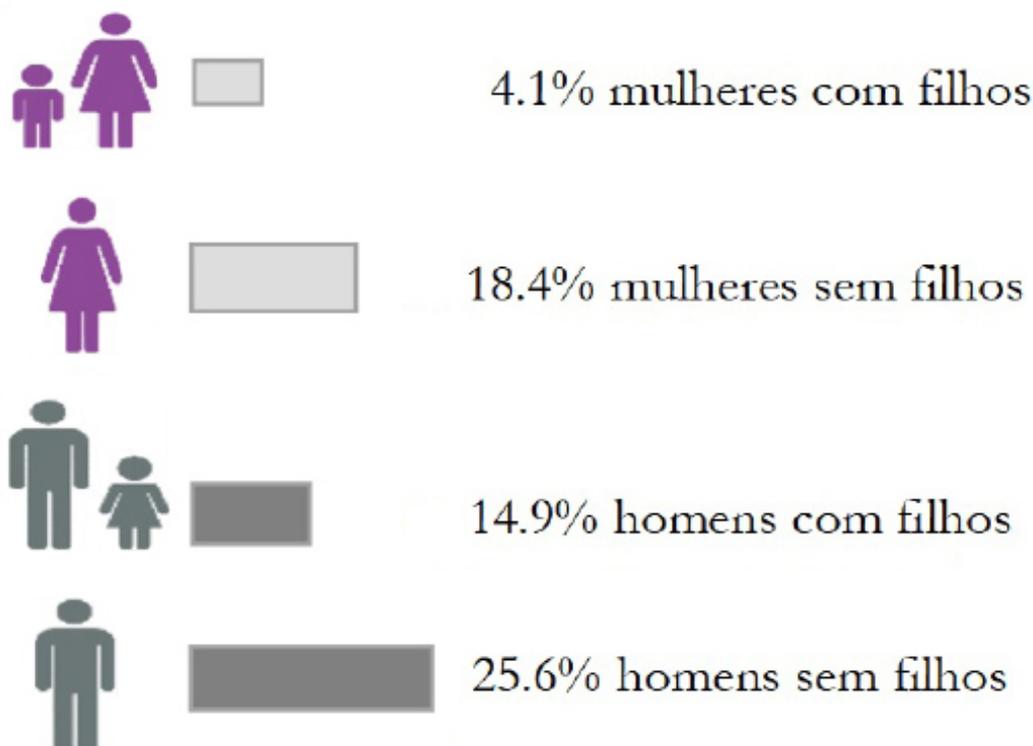


Fonte: Levantamento de dados realizado pelo movimento *Parent in Science*, 2020.

Essas figuras têm como fonte o movimento *Parent in Science* e ilustram os percentuais apresentados. Assim sendo, torna-se importante ressaltar que a baixa produtividade das mulheres comprovou que elas vêm contribuindo em menor grau com a prática da ciência, sendo fato revelador e evidente o fenômeno da representação desigual, onde as mulheres se depararam com várias barreiras, muitas, até hoje, quase intransponíveis se considerarmos aspectos já comentados, como o trabalho doméstico e de cuidados.

<sup>4</sup> Discute as questões da maternidade na ciência. Com o isolamento social, o projeto fez um questionário, respondido por cerca de 15 mil cientistas — homens e mulheres, onde ressaltaram duas coisas principais: cumprimento de prazos e submissão de artigos, que, para os docentes, é o essencial. Tanto no cumprimento de prazos quanto na submissão dos artigos, observaram um efeito de gênero, de raça e um efeito de parentalidade que impacta. Ter filhos impacta e ser negro impacta também. A comunidade científica observou uma queda nos artigos submetidos por mulheres pesquisadoras (<https://bit.ly/2ApPH10>/ [www.parentscience.com](http://www.parentscience.com)).

• Efeito do gênero e parentalidade. Segundo o relatório divulgado pelo movimento Parent in Science, a produtividade acadêmica brasileira durante essa pandemia reduziu para as mulheres com filhos, correspondendo a 4.1%, ao passo que, para as mulheres sem filhos, o resultado foi de 18.4%. Essa redução da produção acadêmica também foi percebida entre os homens com filhos (14.9%) e sem filhos (25.6%), conforme as ilustrações abaixo:



Fonte: Levantamento de dados realizado pelo movimento *Parent in Science*, 2020.

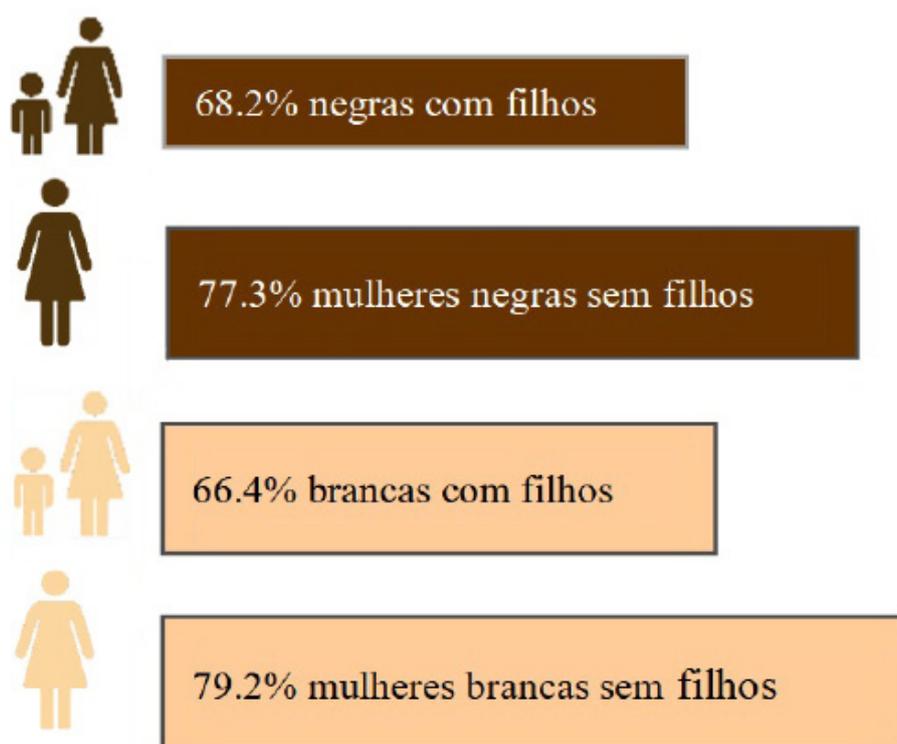
Se os dados mostraram que as mulheres com filhos representaram o menor percentual de produção acadêmica, tornou-se evidente que a pandemia de Covid-19 trouxe impacto negativo para a carreira de mulheres que são cientistas e mães. Isso porque, com as medidas de isolamento social, o tempo a mais em casa não significou necessariamente, no caso de mães cientistas, mais tempo para a pesquisa. Até porque, quem tem filhos tem aumento de sua jornada de trabalho em casa, implicando em assistência às crianças e trabalho doméstico, o que, certamente, tornou a situação bem diferente para aquelas que não possuem filhos e estão melhor representadas.

Por outro lado, vale ressaltar os percentuais de produtividade acadêmica referentes aos homens com e sem filhos. Segundo o relatório Parent in Science, houve bastante respondentes dos questionários e, supõem-se que, se os respondentes foram homens e mulheres, é certo que as respostas dos homens também seriam trabalhadas. Nesse sentido, a pesquisa mostrou o percentual de 25.6% para os homens sem filhos que produziram suas pesquisas, enquanto aqueles que possuem filhos o percentual foi de 14.9%, o que significa dizer que, mesmo para os homens, o fato de ter ou não filhos foi uma variável relevante.

Importante lembrar que não foi identificado no levantamento da pesquisa a situação de estado civil dos homens que responderam os questionários, ou seja, se moravam sozinhos com os filhos, se eram solteiros, casados etc. Essa questão daria mais oportunidade de ampliar e fortalecer

a discussão sobre gênero aqui apresentada. Entretanto, vale a reflexão de que existiu uma correlação entre os fatores, tempo dedicado à pesquisa e aumento de jornada em casa pelas mulheres, mas não foi possível dizer que apenas o gênero e o cuidado com os filhos são a causa da redução de produtividade para a pesquisa. Certamente existem outras diferenças entre os cientistas que devem ser melhor compreendidas, talvez em outra oportunidade de estudo. Por enquanto, vai-se entendendo como a pandemia e as políticas de isolamento social, nesse momento, estão afetando as cientistas, porque as circunstâncias podem continuar evoluindo com mais impactos negativos para a ciência. Como exemplo, quando o avanço na carreira depende da produtividade científica, as cientistas mães de filhos menores podem não progredir e a diferença na produção acadêmica talvez seja maior, impedindo as mulheres de avançarem e chegarem no “topo” da carreira.

- Efeito da raça – Os pesquisadores do movimento *Parent in Science* procuraram saber o efeito da raça na produtividade acadêmica brasileira durante a pandemia. O resultado mostrou que mulheres negras e brancas com filhos foram as mais impactadas no trabalho remoto. Esses grupos se apresentaram como os que menos conseguiram submeter seus artigos científicos para publicação, embora pais acadêmicos não estivessem imunes aos impactos do isolamento, mas foram as mulheres as mais prejudicadas em suas carreiras.



Fonte: Levantamento de dados realizado pelo movimento *Parent in Science*, 2020.

Conforme as figuras, os maiores percentuais corresponderam às mulheres sem filhos que conseguiram submeter seus trabalhos científicos. Assim, 77.3% das negras e 79.2% das brancas foram as que mais conseguiram cumprir os prazos relacionados com a produtividade acadêmica envolvendo artigos, relatórios, bolsas, prestação de contas, etc. Os dados apontaram menores percentuais para as mulheres com filhos, negras (68.2%) e brancas (66.4%), que conseguiram submeter seus trabalhos acadêmicos e cumprir prazos.

Esses dados mostraram que a desigualdade de gênero na ciência é um desafio urgente e a maternidade desempenha um papel importante nela. Entretanto, vale lembrar que essa desigualdade precede a Covid 19, muito embora a pandemia tenha agravado um problema estrutural já existente, tornando mais desafiadora uma evolução que caminhava devagar para as mulheres. Os últimos anos testemunharam o surgimento de muitas iniciativas que desencadearam mudanças para solucionar esse problema. Daí porque se chama atenção para a importância de se avançar com ações de políticas afirmativas e metas claras evitando que essa pandemia aprofunde ainda mais a lacuna de gênero na ciência.

## CONCLUSÕES

Conforme o que se expôs no conteúdo deste Artigo, considerou-se que, no contexto de isolamento social, no qual se atribui às mulheres a maior carga de trabalho e exigências de cuidados em relação aos filhos, a produtividade acadêmica foi drasticamente reduzida. Sendo assim, percebeu-se que atividades tão necessárias à produção acadêmica de qualidade, como dar sequência à leitura dos textos e avançar em reflexões mais profundas e críticas, tornaram-se cada vez mais complexas de serem realizadas. Para além dos cansaços físico e mental sentidos, as preocupações constantes com o risco de adoecimento próprio e dos familiares levaram a uma total vulnerabilidade e até a um bloqueio de processos de escrita, leitura e outras formas de coleta de dados imprescindíveis à consolidação da pesquisa.

Esta reflexão responde a questões levantadas neste trabalho sobre os grandes impactos que as mulheres cientistas vêm enfrentando nesse momento do isolamento do trabalho em casa e, também, sobre essa transição que envolve a pandemia e que reforçou a desigualdade de gênero. Entender esses motivos pode ser simples e, ao mesmo tempo, complexo, ao se compreender o quanto a concepção sobre como funciona a “divisão sexual do trabalho” ainda está impregnada na sociedade e nas famílias, haja vista que os homens, no sentido da produção acadêmica, estão com melhor representação percentual. Isto significa dizer que, embora os homens pais não sejam imunes aos impactos do isolamento, tradicionalmente, são as mulheres que carregam a carga mais pesada. E as mulheres ainda correm o risco de sofrerem penalidades por serem mães, porque, ao invés de trabalharem as suas pesquisas, dedicam tempo com atenção aos filhos pequenos e às tarefas domésticas. Esse é um grande desafio para as mulheres, de conciliarem maternidade e produção acadêmica.

Por fim, é interessante ressaltar que a crise da Covid-19 e as novas dinâmicas sociais por ela impostas tornaram ainda maiores os obstáculos enfrentados pelas mulheres cientistas que precisam trabalhar. Tentar conciliar as diversas demandas que emergem na vida cotidiana da família com a necessidade de trabalho profissional é um exercício diário e um dilema que pode estar longe de ser resolvido, visto que isto aflige grande parte das mães trabalhadoras. Por isso, essa discussão não pode e não deve parar por aqui, ao contrário, é importante em outra oportunidade continuar analisando as implicações que o entrelaçamento entre gênero, família e trabalho têm, ainda hoje, para o estabelecimento de relações mais igualitárias entre homens e mulheres no país.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. 2020. *Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/>. Acesso em: 24 de março de 2021.
- AGÊNCIA SINC SOCIEDADE. 2020. Disponível em: <https://www.agenciasinc.es/Reportajes/Estoy-fallando-como-investigadora-y-madre-la-COVID-19>. Acesso em 27 de março de 2021.
- AGÊNCIA USP DE GESTÃO E INFORMAÇÃO ACADÊMICA. 2020. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.aguia.usp.br/noticias/49310/>. Acesso em: 23 de março de 2021.
- BRIGUGLIO, Bianca et al. 2020. As proposições teórico-metodológicas de Danièle Kergoat e Helena Hirata. *Revista Política e Trabalho do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Vol. 1, Ano 37, n.53* (jun./dez.2020). João Pessoa, UFPB, 2020.
- BUSS, Paulo Marchiore; LIMA, Nísia Trindade; SOUSA, Rômulo Paes. La pandemia de COVID-19: una crisis sanitaria y humanitaria. 2020. *Cadernos de Saúde Pública* n° 36. 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n7/e00177020/>. Acesso em 23 de março de 2021.
- C6 BANK NOTÍCIAS, DATAFOLHA/C6 BANK. 2020. *Pandemia é pior para mulheres, pretos e pardos e classes mais baixas*. Recuperado de: <https://medium.com/c6banknoticias/datafolha-c6-bank-pandemia-%C3%A9-pior-para-mulheres-pretos-e-pardos-e-classes-mais-baixas-ca116bfd6643>.
- DELPHY, Cristine. 2002/1. *L'ennemi principal économie politique du patriarcat*. Tome 1 \_\_\_\_\_ . 2002/2. *L'ennemi principal. Penser le genre*. Collection « Nouvelles Questions Féministes ». Paris: Éditions Syllepse, 2002/1. Vol. 21. Pages 126 à 133. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-nouvelles-questions-feministes-2002>.
- Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sociografia/>. Acesso em 15 de março de 2021.
- ESTRELA, Fernanda Mateus et al. 2020. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 25, n° 9. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020000903431>. Acesso em: 27 de março de 2021.
- GLOBO. com://g1.globo.com/bem-estar/Corona vírus/noticia/2021/03/24/.
- International Labour Organization. (2020, 07 de abril). *ILO Monitor: Covid-19 and the world of work*. Second Edition. Updated estimates and analysis. Geneva, Switzerland: Autor Recuperado de [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms\\_740877](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_740877).
- LERNER, Gerda. 2019. *A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. In Sellera Luiza (trad.). São Paulo: Cultrix.
- LINKEDIN. 2020. *Brasileiros estão mais estressados no home office*. Disponível em: <https://www.linkedin.com/news/story/>. Acesso em 24 de março de 2021.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. 2003. Divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (orgs.). *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. P. 111-123. São Paulo, Brasil, Senac.



PARENT IN SCIENCE. 2020. *Como a Pandemia de COVID-19 está afetando a vida de cientistas no Brasil?* Disponível em [www.parentinscience.com](http://www.parentinscience.com). Acesso em: 27 de março de 2021.

PEREIRA, Lucélia Luiz. 2020. *Pandemia tem cor, raça e gênero*. <https://www.abrasco.org.br/site/gtra-cismoesaude/2020/11/20/pandemia-tem-cor-renda-e-genero>. ABRASCO, GT Racismo e Saúde, 2020.

PSDB mulher. 2020. *Mulheres cientistas relatam desafios enfrentados com a pandemia no RS*. Disponível em <https://www.psdb.org.br/mulher/>. Acesso em 28 de março de 2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry. 2008. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

SANTOS, Gisele Moreira dos. e JORGE, Daisy. 2019. *Desigualdade de gênero na ciência*. <https://jornal.ufg.br/n/121129-desigualdade-de-genero-na-ciencia>, Jornal UFG, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). 2020. *Desigualdade de gênero em tempos de pandemia e isolamento*. Abril de 2020 Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/04/06/>. Acesso em 26 de março de 2021.

